

## Δ experiência literária da loucura em Lima Barreto

*Gislene Maria Barral Lima Felipe da Silva<sup>1</sup>*

As maiores obras modernas são aquelas onde a crise se manifesta com maior clareza, embora a sua grandeza não impeça que elas se achem na entrada de um impasse, ou na beira de um precipício.

*Vladimir Weidlé*

### O escritor e a obra

Muitas vezes a loucura, como estado de extremo sofrimento psíquico, faz calar o artista, mergulhando-o em um sintomático silêncio existencial e criativo. Outras vezes, sua subjetividade deteriorada o conduz a uma cantilena infinda, ininteligível, desastrosa, cujo sentido beira a um grau zero e que, ao final, equivale àquele mais profundo silêncio. Essa tagarelice porta uma lógica própria da linguagem da loucura e, interpretada na escuta psicanalítica, pode alcançar um sentido para o aparente *nonsense* de fragmentos, repetições, palavras em liberdade. Segundo o filósofo francês Michel Foucault, para quem a loucura é o último estágio anterior à morte, a insanidade significou para muitos grandes artistas – como Nerval, Allan Poe, Van Gogh, Artaud, Nietzsche – a supressão da obra, o silenciamento da criação (FOUCAULT, 1991, p. 505-530).

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Literatura pela UnB.

No entanto, para outros artistas a loucura manifesta-se não como apagamento total de seu pensamento e discurso, mas, principalmente, como uma possibilidade de atualização do drama psíquico na criação artística. Mesmo mergulhados nesse universo dramático, eles ainda podem emergir dos profundos embates com o mundo e com sua subjetividade e dar forma a uma obra criativa. É o que se vê no *Diário do hospício/O cemitério dos vivos*, em que Lima Barreto busca organizar pela escrita sua tumultuada e sofrida experiência do internamento em uma casa de reclusão de loucos e acaba por transformá-la em matéria literária. Da loucura, contudo, fica a sugestão do fenômeno como uma normalidade hipertrofiada, uma extrema lucidez que permitia ao escritor vislumbrar o que muitos só décadas mais tarde puderam alcançar.

Embora à época da produção de sua obra o sistema literário brasileiro ainda não estivesse suficientemente preparado para assimilar Afonso Henriques de Lima Barreto como escritor e sua escrita como literatura, este já captara o contexto sócio-histórico em que estava posicionado e o imprimia na criação literária, como matéria estruturante de sua escrita. Por essa sua preocupação em fundir problemas pessoais a problemas sociais ou, antes, por privilegiar aqueles que são os dois ao mesmo tempo, o crítico Antonio Candido caracteriza como empenhada a literatura típica produzida por Lima Barreto (CANDIDO, 1989, p. 39-40). O escritor fornece mais elementos para essa interpretação ao eleger como assunto de sua escrita o fenômeno universal da loucura, do qual conheceu delírios e alucinações que o perturbavam nos momentos de exaltação alcoólica e determinaram suas várias passagens pelo Hospício Nacional de Alienados. Salta, então, da vivência radical do processo de enlouquecimento para o problema da ciência positivista do século XIX, que chegava ao Brasil como produto de importação e aqui encontrou solo fértil para sua implantação e desenvolvimento acelerado.

Resvalando dessa perspectiva de relato autobiográfico, com o *Diário do hospício*, para o projeto de ficcionalização de sua experiência manicomial, que tomaria corpo com o romance projetado *O cemitério dos vivos*, esses textos, produzidos no interior da crise, nascem de uma compulsão de Lima Barreto pela escrita, da necessidade urgente e íntima de transferir suas reflexões e experiências no plano pessoal e social para o plano literário, posto que ele levava vida e literatura como um projeto único, uma luta de vida ou morte: “Ah! A literatura ou me mata ou me dá o que eu peço dela” (CV<sup>2</sup>, p. 35).

Essa forma apaixonada de viver a literatura como a própria vida seria uma indicação de transferência afetiva em que, segundo Candido, “a literatura, encarada como vida na qual a pessoa se realiza, parece um substituto de sentimentos e experiências” (CV, p. 40)? Isso leva mesmo a pensar que, para Lima Barreto, a literatura pode ter sido uma medida paliativa, ou uma “construção auxiliar”, que, entre outras, o psicanalista Sigmund Freud relaciona como satisfação substitutiva para suportar os sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis proporcionadas pela vida (FREUD, 1974, p. 93). Nesse caso, a literatura pode ter se apresentado como um modo de fuga ao desprazer proporcionado pela realidade insatisfatória que vivia e que tanto abominava, conforme confessa em seus textos de cunho autobiográfico<sup>3</sup>.

Nesse sentido é que o *Diário do hospício*, o relato pessoal do internamento, acha-se atrelado ao material narrativo ficcional de *O*

---

<sup>2</sup> A sigla CV, seguida do(s) número(s) de página(s), será utilizada para fazer referência à obra *O cemitério dos vivos*, cuja edição aqui utilizada dá esse título ao conjunto de escritos composto pelo *Diário do hospício* e pelas próprias anotações de *O cemitério dos vivos*, motivo pelo qual os dois serão citados sob essa mesma sigla.

<sup>3</sup> Além da obra em estudo, *O cemitério dos vivos*, também o *Diário íntimo* registra fatos autobiográficos, reflexões e inquietações do autor sobre ocorrências de sua vida pessoal, social e literária.

*cemitério dos vivos*. Pode-se compreender o conjunto como uma tentativa de junção realidade/ficção, não havendo um apartamento preciso e necessário entre as duas peças, que, assim se interceptando, constituem um todo dos manuscritos do internamento, ainda que essa seja, ou não, uma estratégia de críticos e editores. E, desse modo, *O cemitério dos vivos* narra o desconforto do autor-narrador no mundo trágico do hospício. Ao mesmo tempo, discute a literatura como espaço de viabilização das tensões psicológicas e filosóficas e de denúncia dos privilégios sociais proporcionados às elites pelas arcaicas estruturas de poder da sociedade brasileira da época, bem como de repúdio à crença ilimitada no materialismo cientificista e positivista predominante então.

À exceção dos primeiros capítulos de *O cemitério dos vivos*, nos quais Lima Barreto apresenta a personagem Vicente Mascarenhas e inicia o enredo de seu projeto de romance, o trecho ficcional vai se esvaecendo para permanecer uma dicção ensaística, especialmente quando se trata de assuntos literários (CV, p. 199-203), de digressões sobre a loucura (*Idem*) e das estratégias de sobrevivência no hospício (CV, p. 207-208). Mesmo quando o autor vai tecendo o enredo de seu projeto de romance, as experiências e situações lancinantes vividas no hospício repercutem mais alto, a ponto de suas observações íntimas imiscuírem-se à própria ficção, invadindo-a e vice-versa. Impossível assim, conforme já notado por tantos críticos e estudiosos do autor, desvincular as anotações dos manuscritos de *O cemitério dos vivos* das do *Diário do hospício*, pois as marcas autobiográficas e as com intuito ficcional se misturam e se confundem, constituindo um quebra-cabeça para aqueles que vierem a se encarregar de deslindar os tênues limites entre autobiografia e o

---

<sup>1</sup> Escritor e jornalista, Suênio Campos de Lucena faz Doutorado em Letras na USP com tese sobre a escritora Lygia Fagundes Telles. Da autora, organizou os livros *Durante aquele estranho chá* (2002) e *Conspiração de Nuvens* (2007). É

projeto de romance que Lima tencionava escrever a partir de sua vivência no hospício.

Tomado assim, *O cemitério dos vivos* pode se revelar em sua plenitude ao apreender uma realidade psíquica, subjetiva e social, como uma narrativa da ruína, mas também da dissidência na vida e obra de Lima Barreto.

### **A escrita da ruína**

Lima Barreto é um escritor cuja potência criadora constrói-se a partir da impotência que ronda sua vida pessoal, social, literária. As mazelas no plano pessoal e social, que poderiam lhe impor o silenciamento, constituem material caro e fecundo para sua criação, traduzindo-se em conteúdo e forma de sua produção. O período de internamento no hospício gera uma escrita angustiada, que nasce do isolamento, da solidão, do confinamento do homem que, ao receber o diagnóstico de louco, ainda procura entender e traduzir literariamente a sociedade que o rotula, estigmatiza, segrega.

Uma vez ajustado ao cotidiano do hospício, em suas várias passagens pelo local, Lima Barreto ergue-se firme em seu propósito de denunciar a realidade miserável de uma categoria excluída de todos os processos e dinâmicas sociais. E o faz tanto na descrição subjetiva de suas angústias inerentes ao dia-a-dia no espaço asilar quanto na trajetória e na fala da personagem ensandecida Vicente Mascarenhas. Demonstra sua repulsa pelos excessos da ideologia positivista e cientificista da época, que obliterava a visão da intelectualidade para os problemas humanos. Mas, ao sentir-se, como louco, parte de mais uma categoria vilipendiada, o escritor infere que a condição de louco e o fantasma da loucura prometem o grau máximo de marginalização social, já que, para

além das diferenças raciais, sociais, econômicas e culturais, a loucura pode atingir o homem naquilo em que a princípio todos são de fato iguais, o juízo, o pensamento, a razão, e arrastá-los à perda de si mesmos:

Non há dinheiro que evite a Morte, quando ela tenha de vir; e não há dinheiro ou poder que arrebate ao homem da loucura. Aqui, no hospício, com as suas divisões de classes, de vestuário, etc., eu só vejo um cemitério: uns estão de carneiro e outros de cova rasa. Mas, assim e assado, a Loucura zomba de todas as vaidades e mergulha todos no insondável mar de seus caprichos incompreensíveis (CV, p. 76).

É assim que o hospício, até mesmo pelo seu aspecto físico, é um espaço que dá visibilidade não apenas à miséria e pobreza da maior parte da população brasileira acometida de transtornos psíquicos, mas funciona como um espelho da sociedade, no qual se podem mirar representantes das distintas classes sociais, igualadas pela insânia:

O mobiliário, o vestuário das camas, as camas, tudo é de uma pobreza sem par. Sem fazer monopólio, os loucos são de proveniência mais diversa, originando-se em geral das camadas mais pobres de nossa gente pobre. São de imigrantes italianos, portugueses e outros mais exóticos, são os negros roceiros, que teimam em dormir pelos desvãos das janelas sobre uma esteira esmolambada e uma manta sórdida; são copeiros, cocheiros, moços de cavalaria, trabalhadores braçais. No meio disto, muitos com educação, mas que a falta de recursos e proteção atira naquela geena social. (CV, p. 36)

Mergulhado em seu drama existencial e na realidade degradante do internamento forçado, o escritor medita sobre a origem de toda a tragédia que o leva ao hospício e constitui seu drama pessoal:

... para reagir contra o meu vício. Oh! Meu Deus! Como eu tenho feito o possível para extirpá-lo e, parecendo-me que todas as dificuldades de dinheiro que sofro são devidas a ele, e por sofrê-las, é que vou à bebida. Parece uma contradição; é, porém, o que se passa em mim. Eu queria um grande choque moral, pois físico já os tenho sofrido, semimorais, como toda a espécie de humilhações também. Se foi o choque moral da loucura progressiva do meu pai, do sentimento de não poder ter a liberdade de realizar o ideal que tinha na vida, que me levou a ela, só um outro bem forte, mas agradável, que abrisse outras perspectivas na vida, talvez me tirasse dessa imunda bebida que, além de me fazer porco, me faz burro. *Não quero morrer, não; quero outra vida* (CV, p. 45).

A aproximação existencialista que o escritor faz da problemática da loucura revela uma busca de entendimento das causas, da natureza e do sentido do fenômeno em nossa sociedade, bem como suas implicações individuais, sociais e políticas; uma abordagem que procura abarcar, filosoficamente, a experiência da loucura. Começa por captar a dificuldade de conceituação do fenômeno, devido a seu caráter ambíguo, impreciso, multifacetado:

O que dizer da loucura? Mergulhado no meio de quase duas dezenas de loucos, não se tem absolutamente uma impressão geral dela. Há, como em todas as

manifestações da natureza, indivíduos, casos individuais, mas não há ou não se percebe entre eles uma relação de parentesco muito forte. Não há espécies, não há raças de loucos; há loucos só (CV,p. 53).

Antevê, desse modo, que lida com o irrepresentável; ou, de outra forma, com um objeto que se recusa à fixidez, à precisão, à constância e à estabilidade em sua etiologia, manifestações, natureza e características. Essas constatações se mantêm ainda atuais, conforme verificam as pesquisadoras Nicola Morant e Diana Rose ao estudar programas da mídia e televisão inglesas, concluindo pela representação dos loucos como fora dos limites do normal e como transgressores das normas sociais (1998, p. 129-145). Morant e Rose concluem que as representações de loucos têm mostrado que nas sociedades ocidentais a loucura é vista como uma alteridade ameaçadora, imprevisível, ambígua, múltipla e resistente a classificações, o que já percebera Lima Barreto em suas tentativas de apreensão de sua própria realidade interior e da de seus companheiros próximos:

Há os que deliram; há os que se concentram num mutismo absoluto.. Há também os que a moléstia mental faz perder a fala ou quase isso.

---

Há uma nomenclatura, uma terminologia, segundo este, segundo aquele; há descrições pacientes de tais casos, revelando pacientes, observações, mas uma explicação da loucura não há. Procuram os antecedentes do indivíduo, mas nós temos milhões deles e, se nos fosse possível conhecê-los todos, ou melhor, ter memória dos

seus vícios e hábitos, é bem certo que, nessa população que cada um de nós resume, havia de haver loucos, viciosos, degenerados de toda a sorte (CV, p. 53).

Assim sendo, ao buscar formalizar a experiência da loucura e do internamento em seus textos, o escritor depara com a dificuldade de se representar um drama psíquico tão radical. Falar dessa experiência demasiado extrema e visceral é sempre falar sobre a loucura, já que, mergulhado no delírio, não é dado ao homem articular uma linguagem que lhe permita comunicar-se racionalmente com outro homem ou mesmo consigo próprio. Ao tentar traduzir o delírio dos loucos para a lógica racional, e só encontrar a impossibilidade, o autor se propõe, em anotações fragmentadas, continuar a investigá-lo, pois a irrepresentabilidade verbal do delírio lhe intriga: “Conversa de loucos. Dificuldade de reproduzi-la e o delírio também” (CV, p. 100), ou “Observar as reações da loucura sobre a articulação da palavra; alguns, trôpegos de língua; alguns balbuciam, e outros, quase mudos (CV, p. 101). E a busca da representação da linguagem do delírio, que se daria tão somente a partir daquilo que capta dos gestos e da fala dos loucos que o circundam, fá-lo, ao cabo de tentativas frustradas, capitular:

É muito difícil reproduzir um delírio de louco (...) que é de uma incoerência inacreditável. Eu quis segui-lo e guardá-lo, já de memória, já por escrito; mas nada pude conseguir, mesmo aproximadamente. Ele acaba em casas de alugar, passa para o curso dos rios, histórias da guerra do Paraguai, etc., etc. (CV, 73).

Desde que é admitido no manicômio, o autor-narrador registra momentos em que experimenta intensos sentimentos de mal-estar: às vezes, é o partilhar da companhia de pessoas indesejáveis:

Um dos horrores de qualquer reclusão é nunca se poder estar só. No meio daquela multidão, há sempre um que nos vem falar isto ou aquilo... lá, porém, é pior do que em outra qualquer, sobretudo quando se está perfeitamente lúcido, como eu estava, e não poder, por piedade, tratar com mau humor os outros companheiros, que são doentes. (CV, p. 210),

...e não veio um só, vieram muitos, e todos me trataram com afeto e respeito, conquanto me caceteassem, lendo o que eu escrevia ou lia, querendo o meu jornal, pedindo-me cigarros, não me deixando de todo sossegar e aproveitar esse descanso que o álcool e as apreensões da minha atribulada vida me dão (CV, p. 44);

a humilhação, pelo despojamento de seus bens e o tratamento rude:

Tiram-nos a roupa que trazemos e dão-nos uma outra, só capaz de cobrir a nudez, e nem chinelos ou tamancos nos dão (...) atiraram-me sobre um colchão de capim com uma manta pobre, muito conhecida de toda a nossa pobreza e miséria (CV, p. 33);

e mesmo o rebaixamento moral, por ter de realizar tarefas incompatíveis com seus hábitos comuns em sua vida anterior à do hospício:

o que me aborreceu, porém, foi a minha falta de forças e hábito de abaixar-me, para realizar tão útil

serviço. Havia-me preparado para todas as eventualidades da vida, menos para aquela, com que não contei nunca. Imaginei-me amarrado para ser fuzilado, esforçando-me para não tremer nem chorar; imaginei-me assaltado por facínoras e ter coragem para enfrentá-los; supus-me reduzido a maior miséria e mendigar; mas por aquêles transe eu jamais pensei ter de passar... Realizei, entretanto, o serviço até o fim, e foi com uma fome honesta que comi pão e tomei café.

---

... e fui com outros levado a lavar o banheiro (CV, p. 156).

O antropólogo social Erving Goffman explica esse rebaixamento da posição social do internado, em relação à que detinha na vida anterior em sociedade, como um processo de despojamento que “cria um meio de fracasso pessoal em que a desgraça pessoal se faz sentir constantemente (...) o que leva a excesso de piedade por si mesmo” (1990, p. 63), sentimento que, de fato, acompanha o escritor no decorrer da narração:

Por essa ocasião, confesso, vieram-me lágrimas aos olhos. Já não era mais o varrer...

---

Não era mais o varrer; era o varrer quase em público, sob o olhar de tanta gente a que não ligava a infelicidade comum...

Veio-me repentinamente, um horror à sociedade e à vida; uma vontade de absoluto aniquilamento, mais do que aquele que a morte traz; um desejo de perecimento total da minha memória na terra; um desespero por ter sonhado e terem me acenado tanta grandeza, e ver agora, de uma hora para outra, sem ter de fato perdido minha situação, cair tão, tão baixo, que quase me pus a chorar que nem uma criança (CV, p. 158).

Esses sentimentos aviltantes experimentados pelo autor-narrador decorrem de corriqueiras indignidades físicas e psicológicas sofridas nesses lugares que Goffman chama de instituições totais, aquelas cujo fechamento “ou seu caráter total é simbolizado pela barreira à relação social com o mundo externo e por proibições à saída que muitas vezes estão incluídas no esquema físico”, tais como paredes altas, portões fechados, florestas, pântanos ou outros (CV, p. 16). Há táticas e atitudes previstas pelo corpo administrativo desses espaços para que o interno perca o seu “equipamento de identidade” (CV, p. 29), etapa inicial do processo que o antropólogo define como “mortificação do eu”, decisiva para a adaptação, a padronização e o controle dos internos, e que estão bem delineadas literariamente por toda a extensão dos textos do diário.

Esse processo de “mortificação do eu” consiste em “várias formas de desfiguração e de profanação através das quais o sentido simbólico dos acontecimentos na presença imediata do internado deixa de confirmar sua concepção anterior do eu” (CV, p. 11-108). Porém, ao ser narrado literariamente, do ponto de vista do indivíduo que sente esse processo, o acontecimento se reveste de admirável tragicidade, pois não é mais o foco de uma terceira pessoa que o descreve “de fora”, mas o daquele que suporta diretamente suas repercussões sobre o eu, marcando-se pelo rótulo e pelo estigma que produzirão a deterioração de sua identidade:

Como é que eu, em vinte e quatro horas, deixava de ser um funcionário do Estado, com ficha na sociedade e lugar no orçamento, para ser um mendigo sem eira nem beira, atirado para ali que nem um desclassificado? (CV, p. 181).

O autor prossegue registrando as várias formas de degradação que sofre com a passagem pelo local e que constituem uma violação dos “territórios do eu” (CV, p. 31), representadas pela rotina cronometrada e pelo controle rigoroso dos movimentos dos internos, que devem se limitar pelas regras fixadas pelo corpo administrativo; medidas coercitivas que promovem a invasão da individualidade, fazendo com a pessoa se sinta inferior em relação às outras em geral. E, para se ajustar a essa nova realidade, o interno utiliza mecanismos de adaptação (CV, p. 58-66). É o que o narrador se vê obrigado a fazer durante toda sua temporada no sanatório: aceita momentaneamente a internação e envolve-se em atividades que certamente facilitam sua adesão àquele espaço, escreve suas memórias, idealiza uma obra de ficção, medita sobre sua situação e a da humanidade.

Toda a estrutura do poder asilar – que se assenta na lógica familiar – acha-se representada por Lima Barreto na descrição do ambiente do hospício. Por exemplo, a figura do médico, representante da autoridade soberana do espaço público, que se assemelha mesmo à figura do pai, dominadora do espaço privado, cujas atitudes se dividem entre o carinho e o controle do interno “fui à presença do Doutor Juliano Moreira. Tratou-me com grande ternura, paternalmente, não me admoestou, fez-me sentar a seu lado e perguntou-me onde eu queria ficar (...) Deu ordens ao Santana e, em breve, lá estava eu” (CV, p. 39), e a dos dedicados funcionários que precisam

ouvir durante o dia e a noite tôda a sorte de disparates, receber as reclamações mais desarrazoadas e infantis, adivinhas as manhas, os seus *trucs* e dissimulações – tudo isto e mais o que se pode facilmente adivinhar [e que] transforma a vida dêsses guardas, enfermeiros, num verdadeiro sacerdócio (CV, p. 42).

De resto, a multiplicidade das formas e manifestações da loucura é fixada por Lima Barreto ao apresentar o hospício como um jardim de espécies, tal qual propunha Foucault em sua monumental *História da loucura na Idade Clássica*, no capítulo que se intitula sugestivamente “O louco no jardim das espécies” (1991, p. 177-208). Buscando organizar o mundo das doenças, espaço onde a loucura acabara de se inserir, a ciência oitocentista segue a ordem classificatória dos vegetais, agrupando sintomas, causas e tratamentos para as manifestações de desordens mentais no indivíduo, assim como dispõe as famílias, gêneros e espécies em um esquema geral do reino vegetal. Desse modo, entra em cena uma função moral da ciência que, ao conferir à loucura uma proximidade com a categoria vegetal ou animal, elimina seu caráter de fenômeno intrínseco ao ser humano, como Lima Barreto já reconhecia, sem grande esforço filosófico:

a loucura se reveste de varias e infinitas formas;é possível que os estudiosos tenham podido reduzi-las em uma classificação, mas ao leigo ela se apresenta como as árvores, arbustos e lianas de uma floresta; é uma porção de cousas diferentes (CV, p. 187).

Entrevê-se um raciocínio estranho a partir da leitura d’*O cemitério dos vivos*: se, para o mulato pobre, escrever e pretender o

reconhecimento e projeção que a obra pode proporcionar ao escritor constituía, naquele contexto de atraso da modernidade periférica, um prenúncio de loucura; e sua loucura é o sofrimento que se esparge e dá corpo às páginas do diário, ao mesmo tempo sua salvação e seu modo de estar no mundo, logo sua literatura, assim como sua loucura, é também sua salvação. Sofrimento e/ou salvação, literatura e loucura não se calam porque elas não se excluem para o homem e escritor. Tanto autor quanto obra irrompem-se em uma grande, profunda e sofrida tagarelice, numa escrita que é espaço de manifestação de uma subjetividade deteriorada, porém livre.

Em todo o texto persiste o diálogo entre sua condição pessoal de louco e seu contexto histórico. Assim, o escritor discorre sobre suas leituras, sua formação enquanto intelectual, sua experiência como o louco que não perdeu a razão “de mim para mim, não sou louco...” (CV, p. 33), as desigualdades sociais, o preconceito, a marginalização, e sobre os privilégios do progresso usufruído então apenas pela elite republicana. Mas, embora suas características raciais e sociais – mulato, pobre, de origem humilde, alcoólatra, paciente psiquiátrico – o posicionem à margem da sociedade, seu diálogo com o ambiente de onde provém é dificultado por não achar uma linguagem com a qual pudesse se comunicar com seus pares, fato do qual reclama em passagens do diário.

Lima Barreto é um escritor sempre às margens: a loucura aparece como uma situação limítrofe, resultante da contradição vivida pelo escritor por sua dupla condição sócio-literária. Embora ligado à sua classe de origem, sendo mulato pobre, é também um escritor, letrado, com formação superior à média da época. Confessa não saber dialogar com seus iguais de origem, mas sua literatura também não o habilita, naquele momento, a se consagrar entre os escritores da elite. Mesmo sua experiência da loucura situa-se numa posição fronteiriça: ele próprio experimenta ataques de desequilíbrio psíquico, tem alucinações e delírios provocados pela bebida, mas

também é espectador e descreve a tragédia da loucura, que acompanha observando os loucos do hospício.

Enfim, ao permitir-se discutir muitas certezas positivistas acerca da insanidade mental, hoje sabidamente equivocadas, o escritor não se poupa em tecer críticas aos tratamentos dados à loucura; à forma como a psiquiatria moderna, ao pretender dar um novo enfoque ao problema, por meio de práticas higienistas como a reclusão do louco e a medicalização da loucura, ainda trata o ser humano barbaramente, de forma medieval, seqüestrando-o do meio social e recluindo longe da sociedade as identidades socialmente forjadas, mas, ao mesmo tempo, socialmente rejeitadas: “amaciado um pouco, tirando dêle a brutalidade do acorrentamento, das surras, a superstição de rezas, exorcismos, bruxarias, etc., o nosso sistema de tratamento de loucura ainda é o da Idade Média: o seqüestro” (CV, p. 76).

### **Uma escrita dissidente**

A obra barretiana representa um avanço no sistema literário brasileiro não apenas por dar a voz ao negro, figura excluída até então da sociedade e da literatura do país, e à classe marginalizada como um todo, mas, principalmente, por dar conta, do ponto de vista da subalternidade, dos meandros e dinâmicas do processo social brasileiro. A dupla condição de Lima Barreto – por um lado, pobre e mulato participante da camada popular; por outro, membro de uma classe média emergente, funcionário público, profissão de caráter burocrático desempenhada pela maioria dos escritores da época da Primeira República (BERND, 2003, p. 56-57) – cria uma ambigüidade em seu discurso, que evidencia a fissura que perpassa sua condição de pertencimento a duas classes distintas mas interdependentes. Além disso, sua condição de intelectual proporcionava-lhe um espaço na elite que permitia uma

visão privilegiada e diferenciada da realidade nacional. Dessa dupla localização, emerge a dicção de uma consciência bifurcada, que ora permite localizar sua fala como integrante de uma classe intelectualmente favorecida:

Sou levado incoercivelmente para o estudo da sociedade, para os seus mistérios, para os motivos dos seus choques, para a contemplação e análise de todos os sentimentos. As formas das cousas que as cercam, e as suas criações, e os seus ridículos, me interessam e me dão vontade de reproduzi-los no papel e descrever-lhe a sua alma, e particularidades. Ao mesmo tempo, levado para o estudo das sociedades, da sua história, do *quid* que as anima... (CV, p. 82);

ora o coloca marginalizado, inconformado com sua condição aviltada:

...revoltei-me (...) Eu me tinha esquecido de mim mesmo, tinha adquirido um grande desprezo pela opinião pública, que vê de soslaio, que vê como criminoso um sujeito que passa pelo hospício, eu não tinha mais ambições, nem esperanças de riqueza ou posição; o meu pensamento era para a humanidade tôda, para a miséria, para o sofrimento, para os que sofrem, para os que todos amaldiçoam. Eu sofria honestamente por um sofrimento que ninguém podia adivinhar; eu tinha sido humilhado, e estava, a bem dizer, ainda sendo... (CV, p. 182).

Talvez a loucura maior consista em sua renúncia a um modelo de escrita consagrado na época e ao modo de pensar hegemônico domi-

nante, ou, como indaga o escritor e crítico Osman Lins, “não estaria nisto, no amor desse homem à arte de escrever – e na injusta ausência de reconhecimento público – a causa dos seus distúrbios mentais?” (1976, p. 16)). A insanidade revelada em sua originalidade, clareza, agudeza de espírito e autonomia de pensamento permitia-lhe vislumbrar uma dimensão social e literária que não era dada à intelectualidade alcançar, devido ao envolvimento da maioria com as instituições literárias e com as estruturas do poder político, social e econômico. Descompromissado com as esferas do poder, o olhar do escritor podia transitar com liberdade pelos vários horizontes sociais, e perceber com acuidade, de sua perspectiva subalterna, as dinâmicas e os mecanismos de organização da sociedade. Seu mérito em relação à representação da realidade vivida pelos loucos em nosso país, a partir de sua própria vivência, consiste em captar e traduzir na sua escrita literária o descompasso entre a importação de práticas higienistas, modelos e formas de tratamento alienígenas, estrangeiros, e sua aplicação sem questionamentos à nossa realidade, que na época diferia essencialmente daquela de onde procediam os tais modelos importados.

Se, de um lado, grande parte dos intelectuais brasileiros foram seduzidos pelas teorias científicas da época nascidas na Europa e aderiram incontestes a elas; muitas vezes pregando-as ou defendendo-as em suas obras, Lima Barreto representou, no entanto, o que a professora Zilá Bernd chama de *voz dissidente*, ou seja, a dicção de um autor que se erguia em voz dissonante em relação àquelas últimas modas científicas, hoje em dia superadas. Por ter se contraposto às posições hegemônicas da intelectualidade da época, conforme ele próprio confessa,

eu sou dado ao maravilhoso, ao fantástico, ao hipersensível; nunca, por mais que eu quisesse, pude ter uma concepção mecânica, rígida do Universo e de nós mesmos. No último, no fim do ho-

mem e do mundo há mistério e eu creio nele. Todas as prosápias sabichonas, todas as sentenças formais dos materialistas, e mesmo dos que não são, sobre as certezas da ciência, me fazem sorrir e, creio que este meu sorriso não é falso, nem precipitado, ele me vem de longas meditações e de alanceantes dúvidas (CV, p. 51),

seu discurso ficou inaudível e suas criações à margem da instituição literária (BERND, 2003, p. 127-131).

Nesse sentido, pode-se dizer que as idéias do escritor Lima Barreto em relação ao problema da psiquiatria são mais modernas que a modernidade que se pretendia estar implantando à época no país. Quando argumentava que o louco se encontrava sob o pátrio poder do psiquiatra e sob a égide da psiquiatria, o escritor já dialogava com as conseqüências funestas da psiquiatrização da loucura e antecipava alguns pressupostos do movimento antipsiquiátrico que se propagou nas décadas de setenta e oitenta do século XX no Brasil. Mas também sintonizava-se com os surrealistas europeus que, nos anos vinte desse século, já apresentavam protestos contra a instituição psiquiátrica e manicomial, desconfiados eles de que a loucura permitia romper “com o pensamento normal” e explorar “a fundo possibilidades desconhecidas do espírito” (DUROZOI; LECHERBONNIER, 1972, p. 150.). Mas, de fato, só nas últimas décadas do século XX dá-se uma completa reestruturação dos manicômios, o que permitiu extinguir, na Itália e em alguns países da Europa, o sistema de confinamento dos loucos, persistindo, porém, a internação voluntária.

É de se pensar, então, se a forma loucura, enquanto o caos, a desestabilização do pensamento racional, trata-se, na realidade, de um fenômeno de natureza material, objetiva, que acomete o escritor e justifica a necessidade de sua reclusão e segregação

social; ou se essa não foi uma dificuldade de o sistema social e literário compreender e aceitar, naquela época, uma dicção destoante, dissidente, tornando-se mais cômodo rotulá-la como anormal, anulá-la em um julgamento negativo e condená-la à marginalidade.

Com ceticismo em relação ao domínio da ciência como o mais sensato e apropriado para se aproximar do fenômeno da loucura, o escritor questiona a autonomia, a criatividade e a independência do cientista brasileiro para estabelecer, ou não, dentro do contexto sócio-histórico, seus próprios métodos de tratamento de pessoas tidas como insanas:

Certas formas de loucura têm esse efeito, e manifestações dela são as mais díspares possíveis. Debruçar sobre o mistério dela e decifrá-lo parece estar acima das forças humanas. Conheço loucos, médicos de loucos, há perto de trinta anos, e fio muito que a honestidade de cada um deles não lhes permitirá dizer que tenha curado um só. (CV, p. 76).

O autor compreende não apenas sua posição de marginalizado nesse contexto, o que lhe incomoda demasiadamente, mas importa-lhe sobretudo desvelar o descompasso entre a realidade que vive o país e uma utopia na qual se acredita viver. Isso se registra quando se importam modelos e métodos científicos estrangeiros e se aplicam ao contexto atrasado brasileiro sem questionar sua capacidade de responder às peculiaridades dos processos sociais e culturais do país, questão já colocada por Machado de Assis quando o alienista Simão Bacamarte interna a si próprio, representante do saber-poder, no hospício e liberta os loucos ali reclusos, a fim de mostrar a fraqueza, a insegurança e a insensatez dos excessos científicistas da época:

Ele me parece desses médicos brasileiros imbuídos de um ar de certeza de sua arte, desdenhando inteiramente toda a outra atividade intelectual que não a sua e pouco capaz de examinar o fato por si (...) Lê os livros da Europa, dos Estados Unidos, mas não lê a natureza. (CV, p. 35)

Ao falar do médico que o assiste, o narrador-personagem registra a descrença na ciência da época ao definir como medo o sentimento que lhe provocou a aproximação do alienista pelo qual não nutria antipatia, mas que ele julgava mais “nevrosado e avoadado” que a si próprio, pois

é capaz de ler qualquer novidade de cirurgia aplicada à psiquiatria em uma revista norueguesa e aplicar, sem nenhuma reflexão preliminar, num doente qualquer. É muito amante de novidades, do *vient de paraitre*, das últimas criações científicas ou que outro nome tenham (CV, p. 43).

À medida que o narrador vai desvelando a realidade do hospício, vem à tona a voz daquele que observa descrente o médico, o qual deveria se encarregar de sua proteção e tratamento, mas que lhe aparece como o homem cientificamente fracassado, ainda que esteja buscando colocar em prática os mais recentes avanços da vanguarda médica. O engajamento do escritor apresenta ainda maior vigor quando ele critica os avanços de uma medicina que se preconiza como moderna, mas que, para se sustentar, precisa apoiar-se na prática da violência contra seres humanos indefesos, incapazes, inclusive respaldando-se no poder da polícia para agir rudemente contra os mesmos, quando esses deveriam ser resguardados e protegidos pela sociedade. O fracasso da

experiência de modernização brasileira é um aspecto político que se desenha nitidamente nos diários do hospício e que o professor Roberto Vecchi capta e utiliza como chave de interpretação da obra (1998, p. 111-139).

Para Vecchi, a loucura e suas formas de tratamento podem indicar a medida de atraso da sociedade e da ciência brasileira e do modo de ser brasileiro, eufórico por colocar em prática métodos alienígenas para o tratamento de seu povo, desde que referendados pela instância superior da ciência européia. Ele percebe na forma literária do período, especialmente nos diários de Lima Barreto, uma forma social preexistente, que continha em si o atraso da modernidade periférica brasileira, forma essa já captada e inserida na formulação da obra pelo escritor pré-modernista, a partir de sua posição nesse contexto.

Se os discursos do progresso científico sobrepõem-se, no final do século XIX / início do século XX, como a razão positivista das classes dominantes conservadoras, o discurso barretiano d' *O cemitério dos vivos* pode ser interpretado como uma forma de escrita a contrapelo da realidade sócio-histórica da época. Enquanto o discurso da ciência define, classifica, acusa, julga e condena o indivíduo considerado psicologicamente anormal ao enclausuramento no hospício, Lima Barreto manifesta-se como uma voz que se ergue do interior da reclusão e dá visibilidade ao marginalizado, intelectual pobre, mulato, alcoólatra, delirante, ou seja, a face que se deseja ocultar de um país pretensamente moderno.

Essa modernidade periférica atrasada constituiu-se à custa do sacrifício, da exclusão e da eliminação de “suas figuras fortes de fundação que acabaram por deturpar o que o mito do progresso tinha em si de desejo de futuro e de frenesi utópico” (VECCHI, 1998, p. 114). A palavra literária de Lima Barreto, que registra com vigor a dramaticidade de sua experiência do internamento e a ausência de reconhecimento pessoal e social, permite ler criticamente a ideologia racionalista que se propunha

à época e inclusive coloca em xeque as certezas do onipotente saber psiquiátrico e do determinismo cientificista:

Faziam-me perguntas de confessor, e eu as respondia com toda a veracidade de catecúmeno obediente; mas, no meu íntimo, eu tinha para mim que tudo aquilo era inútil. Há uma classificação, segundo êste ou aquêle; há uma terminologia sábia; há descrições argutas de tais e quais casos, revelando pacientes observações; mas uma explicação da loucura, mecânica, científica, atribuída a falta ou desarranjo de tal ou qual elemento ou órgão da nossa natureza, parece que só há para casos, se há.

Procuram os antecedentes, para determinar a origem do paciente que está ali, como herdeiro de taras ancestrais; mas não homens que não as tenha, e se elas determinam loucura, a humanidade toda seria de loucos. Cada homem representa a herança de um número infinito de homens, resume uma população, e é de crer que nessa houvesse fatalmente, pelo menos, um degenerado, um alcoólico, etc., etc.

De resto, os filhos de loucos são gerados por pais que estão loucos, mas tarde é que a sandice aparece; como é então que ele herdou? Tinha a loucura incubada, em gérmen, etc.?

A explicação é acomodada, mas não é leal, antes traduz o desejo de não invalidar uma sentença. Há homens que, durante uma existência inteira, não demonstram o mínimo sinal de loucura e, ao fim da vida, perdem o juízo. As maravilhas que a ciência tem conseguido realizar, por intermédio das artes técnicas, no campo da mecânica e da indústria, têm

gado aos homens uma crença de que é possível realizá-las iguais nos outros departamentos da atividade intelectual; daí, o orgulho médico, que, não contente de se exercer no âmbito da medicina propriamente, se estende a esse vago e nebuloso céu da loucura humana. (CV, p. 217-218)

Em um momento em que se iniciam a construção dos hospícios no Brasil, alegorizados na Casa Verde d'O *alienista*, de Machado de Assis, e aqui chegam as mais modernas práticas de tratamento de loucos, Lima Barreto antecipa as posições antipsiquiátricas levantadas apenas na década de 1970, época em que a obra de Lima Barreto passa a ser valorizada. Valendo-se de sua palavra marginalizada, daquele que pode ver melhor porque, longe da visão obliterada pelo poder, pelo sucesso e pela apropriação por sua contemporaneidade, o escritor já alcançava os abalos que sofreria mais tarde a psiquiatria e colocava em questão principalmente o poder do médico.

Ele me parece desses médicos brasileiros imbuídos de um ar de certeza de sua arte, desdenhando inteiramente toda a outra atividade intelectual que não a sua e pouco capaz de examinar o fato por si (...) Lê os livros da Europa, dos Estados Unidos, mas não lê a natureza. (CV, p. 35)

Ainda que em muitos momentos o autor-narrador movimentasse-se desconfortavelmente entre uma elite letrada – que detém o poder de fala e encarna o discurso ideológico dominante – e a classe marginalizada, quando desvela as contradições que constituem a cultura de seu país ele está representando a “consciência diferencial, a negatividade do sujeito subalterno ‘uma singularidade cultu-

ral” (CANDIDO, 1989b, p. 165-166), cujo grande mérito é reconhecer-se como uma consciência que fala à margem da sociedade, do ponto de vista periférico e, dessa perspectiva, ele pode dar voz àqueles que de outro modo não teriam como se manifestar.

O discurso barretiano desconstrói o mito do progresso científico, do saber médico autoritário, expondo os vícios e os atrasos da modernidade periférica. A resposta que Lima Barreto dá em *O cemitério dos vivos* a essa dificuldade de se produzir literatura em um país atrasado num período de crença desmedida na eficiência e eficácia científica, eivado por tantas mazelas sociais, aponta para uma estrutura textual que registra a angústia, o inconformismo, a resistência. Esse mal-estar que instiga esteticamente o escritor impele-o a buscar novas e autênticas saídas de criação, como o fez Lima Barreto com uma linguagem nova, crua, simples e humana, fora dos padrões beletristas e da retórica conservadora vigente à época. O que tradicionalmente se lê como imperfeições ou inacabamento na fatura da obra será, posteriormente, realçado como elemento de originalidade e valorização de sua produção.

## **Finalmente**

A dificuldade de fazer literatura em condições adversas resulta, n’ *O cemitério dos vivos*, em um modo angustiado de representação dos conflitos psíquicos em si e em relação ao mundo. Então, o que o autor acaba narrando é também a loucura como a frustração de seus ideais, a impossibilidade de auto-realização,

um vago desejo de morte, de aniquilamento. Via minha vida esgotar-se, sem fulgor, e toda a minha canseira feita, às guinadas. Eu quisera a resplandecência da glória e vivia ameaçado de acabar numa turva, polar loucura. Polar, porque me parecia que

nenhuma afeição me aquecia, e turva, pois eu não via, não compreendia nada em torno de mim. Eu me comparava a um explorador das regiões árticas, que tivesse durante anos atravessado florestas lindas, cascatas, céus epinícios, lagos de anil, mares de esmeraldas, nessas paisagens mais belas da terra, as suas servências mais majestosas, e se houvesse de *motu* próprio atirado às *banquises* do pólo e se deixasse mergulhar na sua noite imensa que, para o meu caso, era infinita (CV, p. 83),

as ansiedades e apreensões,

muitas causas influíram para que eu viesse a beber; mas, de todas elas, foi um sentimento ou um presentimento, um medo, sem razão nem explicação, de uma catástrofe doméstica sempre presente. Adivinhava a morte de meu pai e eu sem dinheiro para enterra-lo; previa moléstias com tratamento caro e eu sem recursos; amedrontava-me com uma demissão e eu sem fortes conhecimentos que me arranjassem colocação condigna coma minha instrução... (CV, p. 47-48),

o desengano, o desespero,

não me preocupava com o meu corpo. Deixava crescer o cabelo, a barba, não me banhava a miúdo. Todo o dinheiro que apanhava bebia. Delirava de desespero e desesperança; eu não obteria nada (CV, p. 50),

e o desamparo,

... fundamentalmente, eu senti a desgraça e o desgraçado. Tinha perdido toda a proteção social, todo o direito sobre o meu próprio corpo, era assim como um cadáver de anfiteatro de anatomia (CV, p. 220);

enfim, um desconforto profundo em relação a si próprio, à sociedade em que vive e a seu país.

Ainda que essa não tivesse sido intenção deliberada de Lima Barreto, a construção de *O cemitério dos vivos* apresenta a loucura como uma contralinguagem que provoca no escritor o rompimento com o sistema de crenças e valores que dominava a intelectualidade da época. Ao apreender os preconceitos de classe e raça, o cerceamento à liberdade de expressão e circulação de homens intelectualmente produtivos, a crença ilimitada no poder da ciência e do médico como solução para graves problemas humanos, a obra revela os componentes do atraso do país à época e mostra sua força, pois “há uma relação necessária entre a organização interna da obra (conhecida como “texto”) e algo exterior que lhe fornece a matéria, o elemento constitutivo, que é o seu tema e representa sua âncora na realidade do mundo, da personalidade, das idéias” (CANDIDO, 1999, p. 113).

Enfim, narrando com empenho e inconformismo a ruína de sua experiência do enlouquecimento, Lima Barreto transpõe na escrita o sentimento que o torna “homem do seu tempo e do seu país” – o que, segundo Machado de Assis (1974, p. 345), dá importância ao escritor. Ao revelar na obra o elemento externo, que, por sua vez, passa a ter seus desdobramentos na maneira dolorosa de narrar, o autor traz para a forma literária a forma social e, a partir daí, em uma relação oposta, desvela na essência do texto o momento social e histórico de sua produção.

Assim, em *O cemitério dos vivos*, Lima Barreto acaba por narrar o fracasso de um esforço de modernização que resulta em

barbárie e mostra o descompasso entre o acelerado desenvolvimento científico e tecnológico europeu ocorrido em todos os domínios do conhecimento (e que propiciou a criação das novas ciências humanas, como a psicologia, a antropologia, a sociologia), e a insuficiência desse aparato da modernidade para solucionar, como se esperava, as mazelas humanas. Os textos dessa obra internalizam o fracasso da ciência positivista para a abordagem dos problemas psíquicos no Brasil da época, além do fracasso do escritor enquanto agente de transformação da sociedade, já que sua palavra literária acha-se interdita pelo rótulo e pelo estigma de louco e por seu enclausuramento no hospício. O sofrimento narrado com tamanha força e vigor invade a própria forma da escrita, pondo a descoberto não apenas a fragilidade do homem à mercê de um sistema psiquiátrico já àquela época falido, mas esse próprio sistema que enclausura e desconhece o intelectual enquanto produtor de uma obra que hoje se sabe relevante.

Mas se as restrições à liberdade de expressão e movimentação do louco no interior do hospício e no meio social incorporam-se à obra, também está internalizada a loucura como resistência e elemento de contestação. Não obstante recluso no espaço limitado do manicômio e em meio a criaturas em tão diferentes graus de sofrimento psíquico, “é evidente que, à sanidade sem relevo espiritual, prefere estar desamparado e louco. Preço algum será demasiadamente alto para a decisão que assumiu de consagrar às letras toda a sua vida” (LINS, 1976, p. 16). Nesse sofrimento que a palavra literária pode preservar, para além do compromisso explícito com uma subjetividade dilacerada e com a realidade histórica da época, *O cemitério dos vivos* traz uma reflexão ainda atual sobre a situação da literatura e da sociedade em um país atrasado e dependente como o Brasil da época.

## Referências Bibliográficas

BERND, Zilá. **Literatura e identidade nacional**. 2. ed. Porto Alegre, UFRGS. 2003.

CANDIDO, Antonio. (1985). **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. São Paulo: Nacional, 1985.

\_\_\_\_\_. Os olhos, a barca e o espelho. In: **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática. 1989a

\_\_\_\_\_. Literatura de dois gumes. In: **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989b, p. 163-180.

\_\_\_\_\_. **Literatura, espelho da América**. Remate de males. Número especial, 1999.

DUROZOI, Gérard; LECHERBONNIER, Bernard. **O Surrealismo**: teorias, temas, técnicas. Trad. de Eugênia Maria Madeira Aguiar e Silva. Coimbra: Almedina, 1972.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade Clássica**. Trad. de José Teixeira Coelho Netto. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. Trad. de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1999

FREUD, Sigmund. O mal estar na civilização. In: \_\_\_\_\_. **O futuro de uma ilusão**. Trad. de José Otávio de Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. 73-171.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. 3. ed. Trad. de Dante Moreira Leite. São Paulo: Perspectiva, 1990.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. **O cemitério dos vivos**: memórias. São Paulo: Brasiliense, 1956.

LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática. 1976

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. Instinto de Nacionalidade. In: COUTINHO, Afrânio. **Caminhos do pensamento crítico**. Rio de Janeiro: Americana. 1974

MORANT, Nicola; ROSE, Diana. Loucura, multiplicidade e alteridade. In: ARRUDA, Ângela (Org.) **Representando a alteridade**. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 129-148.

VECCHI, Roberto. Seja moderno, seja brutal: a loucura como profecia da história em Lima Barreto. In: HARDMAN, Francisco F. (Org.) **Morte e progresso: cultura brasileira como apagamento de rastros**. São Paulo: Editora da UNESP, 1998, p. 111-123.